

A REPRESENTAÇÃO DA CULTURA E DA IDENTIDADE EM DO OUTRO LADO DO RIO, DOCUMENTÁRIO DE LUCAS BAMBOZZI

Aluno: Ana Rita Martins Baptista
Orientador: Andrea França Martins

Introdução

O conceito de cultura tem inúmeras definições, que por mais abrangentes que sejam, ainda geram controvérsias. Definir cultura e a derivação 'identidade' é ainda umas das questões mais complexas para a antropologia e sociologia. A mudança no parâmetro do pensamento humano a partir da modernidade afetou a nossa percepção da cultura na sociedade e de como formamos nossa identidade. Se na modernidade tínhamos uma percepção da identidade como algo coeso e construído como projeto de vida e de futuro, a fragmentação da contemporaneidade faz com que essa percepção seja revista pois há uma gama imensa de informações, imagens e narrativas a moldar e remoldar nossas identificações culturais. Somos multiculturalizados e nos construímos e desconstruímos em consonância com os diferentes discursos e imagens da televisão, do cinema, da publicidade.

“...as identidades contemporâneas são transterritoriais e multilinguísticas. Estruturam-se menos pela lógica dos Estados do que pela dos mercados; em vez de se basearem nas comunicações orais e escritas que cobriam espaços personalizados e se efetuavam mediante interações próximas, operam por meio da produção industrial de cultura, de sua comunicação tecnológica e do consumo diferido e segmentado dos bens”.¹

Para o estudo da evolução do próprio conceito de cultura, a arte é uma excelente ferramenta pois é terreno dos feitos humanos, de leituras comportamentais e reflexo do pensamento de determinadas épocas. O romantismo, por exemplo, é um movimento moderno que lia o homem como unificado em sua personalidade. A partir desse homem sem contradições, com enredos que confrontavam personagens através do maniqueísmo, criou-se também a idéia de uma cultura unificada. As obras contemporâneas, literárias ou cinematográficas fizeram uma revolução no discurso. O personagem bom contra o mau cairia para ceder lugar ao personagem que é indefinível, contraditório. Os próprios cenários descritos tantos nos livros contemporâneos quanto nas narrativas do cinema, poderiam assemelhar-se a qualquer outro lugar do mundo graças a globalização e a pulverização das fronteiras simbólicas. Se antes, culturas poderiam ser tão diferentes e isoladas uma das outras, que talvez uma obra pudesse ter significado para um conjunto de pessoas e não para outras, hoje torna-se cada vez mais raro um indivíduo que não compartilhe uma teia de significados mundial, que se alastra no ritmo do consumo e dos novos valores simbólicos. Até que ponto podemos restringir o conceito de cultura e identidade se as fronteiras culturais se expandem cada vez mais? É para entender essa própria expansão que o objeto de trabalho escolhido foi um filme com viés contemporâneo. Nele, é possível perceber a confluência dos valores que se recriam.

¹ CANCLINI, Néstor Garcia . *Consumidores e cidadãos*. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006. Pg 46

“...O especialista em cultura ganha pouco estudando o mundo a partir de identidades parciais: seja a partir das metrópoles, das nações periféricas ou pós-coloniais, das elites, dos grupos subalternos, de uma disciplina isolada, ou do saber totalizado. Aquele que realiza estudos culturais fala a partir das interseções.”²

O filme

Do Outro Lado do Rio (2005) é um documentário que trata de fronteiras. Não só a fronteira física entre Brasil e Guiana Francesa, mas sobretudo sobre a fronteira imaginada que desliza entre os moradores e os que passam pela região. O filme fala das fronteiras físicas e daquelas simbólicas. Os personagens exibem através de suas vidas a questão do descentramento das identidades contemporâneas. A instabilidade da fronteira soa como uma metáfora para o discurso dos personagens, construídos e amarrados sob diferentes óticas. Pertencer ou não a um lugar, sentir-se parte, sonhar com realidades que mudam da água para o vinho em questão de metros. A linguagem cinematográfica do cineasta brasileiro Lucas Bambozzi levanta a questão sobre a identificação, a construção cultural e a relação entre personagem e espaço físico. Bambozzi mistura a imagem não trabalhada com cenas estilizadas e nebulosas, criando dois espaços cinematográficos, um concreto e outro abstrato. Esses espaços se intercalam e dialogam.

O uso do som também é uma forma de construir o discurso. O off é uma ferramenta usada para confrontar os personagens com a própria visão que têm sobre si mesmos. Bambozzi utiliza inúmeras vezes imagens dos personagens, closes e planos americanos e suas vozes em off narrando histórias de suas vidas. É interessante mostrar porque há o uso do off em momentos onde está sendo desvelada a identidade de cada um. É como se o cineasta explicasse através das ferramentas cinematográficas que o que se diz pode ser dissociado do que se vê ou mesmo estar em outro plano de discurso. Imagem e som se separam e se casam em alternância.

O rio é um emblema na vida de cada personagem. Seja para os que o atravessam para trabalhar nos garimpos, para os que irão até os garimpos trabalhar na prostituição, para os que ficam em solo mas tem uma relação comercial com ele e para os que vêem seus sonhos na outra margem em Saint Georges de L'Oyapock, Guiana Francesa. A vida corre através das margens do rio e as construções simbólicas do que é felicidade para cada personagem passam por ele.

A região entre Brasil e Guiana Francesa tem o maior fluxo migratório das fronteiras brasileiras e representa uma região em trânsito. Isso afeta o modo como as pessoas encaram simbolicamente o rio. O mundo contemporâneo se mostra como um caldeirão de fragmentações, onde podemos nos recriar a partir do fluxo de inúmeros discursos ao mesmo tempo que o significado das fronteiras físicas, como a margem de um rio, ainda carrega todo um simbolismo de futuro.

A identificação através dos sonhos

Logo no início do filme, Bambozzi apresenta o garimpo, destino final de quem atravessa o Rio. O ouro é a finalidade, o objeto almejado. Junto com o ouro, a imprevisibilidade e a insegurança que a região oferece. “Aqui é terra sem lei”, diz o garimpeiro. Uma terra sem lei é um ambiente propício para levantar a questão do papel da

² CANCLINI, Néstor Garcia . *Consumidores e cidadãos*. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006. Pg 23

identidade nacional e sua influência na construção da cultura e identidade. Por ser um terreno onde não há normas sociais estamentadas, os códigos de identificação coletiva não são os mesmos das sociedades 'tradicionais', tais como leis que regem o comportamento da massa e as tradições que ainda produzem significados para povos de determinados territórios.

Os códigos de identificação nesse caso, são transitórios, frequentemente em processo de construção. Os padrões comportamentais surgem da lógica do ouro que move a região e não de leis estabelecidas e tradições culturais. A região de fronteira é uma região de passagem. Como mais adiante explicitaremos na fala dos próprios personagens, é um lugar onde as pessoas passam, a procura de algo. Para poucos é lugar de estabelecimento. Por isso, Bambozzi procura ouvir aquilo que levou as pessoas a se estabelecerem temporariamente ou não na região, pois o que os personagens procuram e como entendem o lugar é mais significativo para sua leitura do que procurar formas e tradições culturais fixas que nem mesmo existem. A fronteira é por excelência o local das transições e estudar a cultura a partir de suas inúmeras variações e inconsistências é rever o próprio modo como o mundo constrói o conceito de cultura hoje. Nas próprias sociedades onde a cultura alia-se ao simbolismo da identidade nacional, questiona-se até que ponto os valores como o de nação são mediados pela globalização e perdem o sentido de unificar um povo sob determinada bandeira.

Em vez de pensar as culturas nacionais como unificadas, deveríamos pensá-las como constituindo um dispositivo discursivo que representa a diferença como unidade ou identidade. Elas são atravessadas por profundas divisões e diferenças internas, sendo "unificadas" apenas através do exercício de diferentes formas de poder cultural. Entretanto - como nas fantasias do eu "inteiro" de que fala a psicanálise lacaniana - as identidades nacionais continuam a ser representadas como unificadas.

Identidade cultural na contemporaneidade, Stuart Hall, pag 61

Essa representação unificada, entretanto, está cada vez menos em voga. Se é complexo definir cultura e identidade mesmo nas sociedades onde tem-se a impressão coletiva de que valores e conceitos como nação ainda unificam (mesmo que simbolicamente e cada vez menos), mais complexo ainda é definir cultura e identidade em uma região de fronteira. Nela, além dos valores simbólicos tradicionais não terem a mesma força de representação como nas sociedades "clássicas", o próprio fluxo constante de pessoas faz com que a dinâmica cultural se altere mais rapidamente. O principal ponto de reflexão é de que tanto identidade como cultura são móveis e a perspectiva contemporânea nos direciona a um olhar interativo, de vê-la como resultado dos atores sociais e de como eles se relacionam com os outros e com os objetos. Estudar o sistema de significados e suas relações intrincadas e muitas vezes contraditórias, passa a ser mais importante que tentar localizar pontos de convergência e a partir deles fazer generalizações sobre a cultura de um determinado povo.

Os personagens mais destacados (Grande, Fininho, Telma e Elaine) surgem pela primeira vez em off, através de frases que os representam. Grande diz que o local é um pulo à violência. Fininho fala que a vida do garimpeiro é o ouro e que ele não consegue se adaptar a outra profissão. Telma diz que sempre gostou de frequentar boates, de sexo e que 'acha' que é por isso que foi até a fronteira. Elaine diz que o sonho dela é casar com um homem francês. Os sonhos movem os personagens.

Os personagens de destaque

Telma

Bambozzi explora a imagem granulada de Telma, indefinida, como se pertencesse a outro espaço que não o espaço real da fronteira. Este questionamento do espaço físico e da vida na fronteira é apresentado durante todo o filme através da mistura entre imagens trabalhadas em termos de foco e luz e imagens com a captação mais realista. Há múltiplos espaços dentro da fronteira. Espaços que podem ser representados pela filmagem realista, espaços que podem ser retratados com uma exploração de câmera mais artística e subjetiva; enfim, Bambozzi apresenta o múltiplo e suas próprias construções através da linguagem cinematográfica. A objetividade é um termo ultrapassado de qualquer forma. Não existe objetividade em uma filmagem mais formal, tradicional e realista pois o próprio enquadramento é uma escolha subjetiva do diretor. Porém existem linguagens menos e mais subjetivas e Bambozzi utiliza as duas construções, tanto a mais como a menos subjetiva, para construir os personagens e suas relações com a fronteira.

O letreiro é sempre a senha para a passagem da imagem granulada para a realista. É como se o cineasta fizesse um parêntese. Existe o espaço subjetivo, onde coloca-se um olhar autoral sobre a personalidade de cada personagem de uma forma ainda mais incisiva. Mas também existe o espaço em que abre-se mão do artístico no sentido mais ousado e enquadra-se os personagens em trabalho de luz mais tradicional. Entra então o letreiro que apresenta as informações básicas sobre o personagem e a maneira de filmar dá mais liberdade ao espectador de construir aos poucos a sua percepção sobre cada um deles. Na filmagem artística com o granulado, já existe o filtro autoral de Bambozzi em cima da imagem tradicionalmente filmada. Ele apresenta diferentes estágios e possibilidades de percepção de cada personagem ao espectador.

Telma, segundo o letreiro, tem 24 anos, quer ir para os garimpos da Guiana Francesa e está em Oiapoque (BR) há três meses. Diz que veio para ganhar dinheiro, mas que não precisa muito dele, só para o consumo. Admite que adora sexo e começa a falar suas fantasias sexuais. Quando esse depoimento começa, o autor sai da imagem de plano americano realista e mostra ao espectador uma imagem granulada, na sombra e desfocada e o off de Telma indagando “quem não tem fantasias?”. Entra-se novamente no terreno subjetivo.

Grande

Grande vive em meio a violência e apesar de vê-la como aspecto ruim da região, é também uma pessoa violenta. Tem uma visão mais pessimista do local, diz que só há pistoleiros, que é onde se vende o almoço para comprar o jantar. Situa St. Georges de L'oyapock como sendo uma cidade histórica de assassinatos. Ele vive há 12 anos na região. Diz que em região de fronteira não há como ter amigos e que todos os homens são animalescos, indomáveis. Ele estabelece a fronteira como terreno das não ligações afetivas entre seus próprios habitantes, não existe uma comunidade na fronteira. Só o interesse pelo ouro, tiros e drogas.

Bambozzi apresenta Grande através de uma imagem granulada, de costas. Aparece um letreiro com a idade e o tempo em que Grande vive na cidade e a informação de que desenvolve várias atividades na região, sem especificar quais. O trabalho de câmera durante o qual Grande discorre sobre os assassinatos e a hostilidade da fronteira é feito através de plano americano, close e super close. Às vezes se enquadra o rosto inteiro, às vezes não.

Essa tática de Bambozzi sugere que o discurso não pertence só ao rosto de determinado personagem. Muitas vezes ele foca no olho ou na boca, que poderia ser de qualquer um. Ele tira o discurso da unidade física do personagem. É como se o que estivesse sendo dito não pertencesse só ao discurso de Grande, mas ao discurso de outras pessoas na fronteira também. Com essa tática, ele brinca com o conceito da multiplicidade dos discursos e da própria multiculturalidade. Ele explora a existência dos discursos múltiplos não só através dos diferentes personagens, mas dentro de cada personagem também com suas técnicas de filmagem.

Após a apresentação de Grande, o cineasta mostra uma imagem granulada da selva, coloca som de tambores e mostra a bandeira no Brasil. A questão da nacionalidade fica suspensa já que a fronteira possui características híbridas de pertencer ao Brasil e pertencer à Guiana Francesa. É um terreno misto entre dois países e viver nele é viver nos dois e ao mesmo tempo em nenhum. O personagem Grande é um gancho interessante para o estudo da questão da identidade nacional e a construção da personalidade. Ele é um desertor do exército brasileiro e apresenta opiniões interessantes sobre o pertencimento a um país. Apesar de ter nascido no Brasil, Grande escolhe a Guiana Francesa como território para viver e apresenta seus motivos para abrir mão dos direitos nacionais e fazer uma nova vida.

“...Pois há uma outra possibilidade: a da Tradução. Este conceito descreve aquelas formações de identidades que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram dispersadas para sempre de sua terra natal. Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. A diferença é que elas não são e nunca serão unificadas no velho sentido, porque elas são, irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma, e ao mesmo tempo, a várias “casas” (e não a uma casa particular). As pessoas pertencentes a essas culturas híbridas têm sido obrigadas a renunciar ao sonho ou à ambição de redescobrir qualquer tipo de pureza cultural “perdida” ou de absolutismo étnico. Elas estão irrevogavelmente traduzidas...”³

Fininho

O garimpeiro Fininho também é apresentado com uma imagem granulada e de costas para o espectador. Novamente o importante não é fazer com que o espectador tenha contato direto com a fisionomia do personagem. A fisionomia dele é importante, mas salienta-se através da linguagem que Fininho poderia ser qualquer garimpeiro, de costas, à beira de um rio. Quando a imagem sai do granulado, Fininho apresenta-se através de fotos dele nos garimpos em que trabalhou. O letrado intitula “primeira conversa com Fininho, 35 anos”. Nesse caso, não se explicita a profissão, deixando para o próprio personagem narrar adiante a sua trajetória. A trajetória de Fininho é a trajetória da aventura, das inúmeras dificuldades para se chegar até os garimpos.

É um dos personagens nômades, que vão e voltam atrás do ouro e das possibilidades rumo ao desconhecido. É interessante essa narrativa inicial em que ele diz que tinha medo do rio, de se afogar. Mais adiante, ele mesmo diz que para chegar até o garimpo muitas vezes é necessário nadar e se embrenhar pela mata.

A vida do garimpeiro é construída através de discursos fragmentados reunidos ao longo dos inúmeros caminhos pelos quais passou. Essa interseção com homens e mulheres

³ HALL, Stuart. *A identidade cultural na contemporaneidade*. 10ª. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005. Pg 61

de diferentes lugares do país e mesmo de outros países, torna Fininho um personagem sem raízes territoriais definidas. E isso não se traduz, em nenhum momento, em problema de identificação com o lugar e de construção de identidade própria. Ao contrário, ele incorpora isso a sua identidade, assim como temos incorporado cada vez mais os valores da transterritorialidade.

Elaine

A personagem é das chaves para a discussão da cultura e identidade dentro do filme. Primeiro aparece a imagem granulada em close e super close. Depois, ela é apresentada pelo letreiro como “ primeira conversa com Elaine, 22 anos – auxiliar de escritório”. A partir daí, a imagem sai do granulado e começa o depoimento da jovem. Sua trajetória no filme gira em torno de um romance. A metáfora é perfeita para discutir o encontro, a alteridade e a representação das culturas dentro da identidade do personagem.

Elaine sonha se casar com um francês e ter um bebê de olhos azuis. Seus sonhos estão na outra margem do rio, que ela vê como oportunidade para tornar sua vida melhor. O outro lado do rio representa amor, realização, status. Tudo aquilo que ela não encontra na margem brasileira. Seu encontro com Stéphanie é um encontro entre duas culturas, dois entendimentos diferentes de mundo e dois lados da fronteira. Eles jantam e se entendem por gestos, buscam a interação, a convivência com o diferente é possível.

Entretanto, a fronteira os separa. Elaine não tem passaporte para morar na Guiana Francesa, a burocracia é mostrada como a fronteira legal que ainda existe, apesar de fronteiras simbólicas serem rompidas a todo instante. A língua também dificulta a interação, mas não impede que se comuniquem. A busca e o encontro entre as culturas diferentes são as questões suscitadas pela personagem. Ela já não deseja permanecer limitada a uma identidade nacional e a um território. Seu sonho é casar com um francês, morar na Guiana Francesa e adquirir o status de uma francesa. Ela vestiria novas representações e papéis e reconstruiria sua identidade a partir de seus sonhos.

“...Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente.”⁴

As imagens de apoio

As imagens de apoio utilizadas por Bambozzi são da própria região fronteira, dos personagens, do rio, dos soldados e helicópteros e outros objetos mais que compõe o que significa aquela região para o cineasta. Em determinadas situações, ele usa as imagens para corroborar com o que os personagens dizem e em outras, metaforicamente, discorda dos personagens e revela isso através das imagens de apoio.

Quando Telma fala sobre o costume de se usar ouro na região, Bambozzi mostra bijoutherias e ilustra o que a personagem diz, por exemplo. Já quando Elaine fala da sua relação com Stéphanie e de sua busca por ele, a imagem que segue ao depoimento, por duas vezes durante o filme, é a de um cachorro correndo atrás de um laser. O laser em si não é um objeto alcançável. O cachorro corre atrás, mas por mais que coloque a pata no reflexo

⁴ HALL, Stuart. *A identidade cultural na contemporaneidade*. 10.ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005. Pg 13

que faz no chão, ele nada toca. O laser não existe fisicamente. Ele está lá mas não pode ser tocado. A dificuldade do encontro é mostrada por Bambozzi através da metáfora.

Uma imagem de apoio que não se casa com o discurso dos personagens acontece durante o depoimento das travestis Kátia de Windsor e Geni. Quando elas falam sobre o sonho de chegar à Paris, a imagem de um besouro aparece entre as suas falas. É um besouro grande, feio, de pernas para cima, lutando para se desvirar e conseguir andar. Soa como metáfora para a estagnação das duas personagens. Elas querem andar, se desvirar, sair dali e irem até Paris, mas não conseguem, estão estagnadas. No final de depoimento, o mesmo besouro aparece imóvel, como se estivesse morto.

A França como local de identificação

Os personagens principais e secundários, exceto Pierre Maurel, são brasileiros. Para Fininho, Grande e Telma, a Guiana Francesa representa a possibilidade de aventura, de ganhar dinheiro. Grande é o mais estabilizado na região, mora lá há 12 anos.

Elaine, Kátia de Windsor e Geni já tem uma relação mais emocional. Elaine nunca viveu na Guiana Francesa, mas o lugar, logo do outro lado do rio, é para ela a expectativa da melhora de vida. É interessante pensar as questões simbólicas que têm importância para os personagens. Mesmo sem nunca ter morado na Guiana Francesa, Elaine cria um imaginário de identificação onde o lugar representa aquilo que há de melhor em termos de vida. Ela é brasileira, mas sua vontade não é viver no Brasil, casar-se com um brasileiro. Ela quer fazer parte da cultura da Guiana Francesa, quer deslocar a nacionalidade que lhe foi dada por direito pela oportunidade de construir uma nova identidade. Ela transpassou a fronteira simbólica da identificação, mas a fronteira física ainda a restringe.

Já para Kátia de Windsor e Geni, a Guiana Francesa não é o destino final, mas uma porta para Paris. É lá que elas projetam seus sonhos. Identificar-se, mesmo que simbolicamente, com outro país e querer construir a vida além da fronteira é um dos sintomas de um mundo que vêm abolindo as fronteiras culturais imaginárias na cabeça das pessoas. Os personagens sentem-se dispostos a imergir em uma cultura diferente, em uma língua diferente e a partir daí incorporarem suas próprias especificidades no novo contexto cultural. A alteridade é idealizada pelas três personagens (Elaine, Kátia de Windsor e Geni). Elas não se questionam que pode dar errado, que podem não se adaptar. Enxergam a Guiana Francesa e a França como o paraíso que começa do outro lado do rio.

Já Grande, Telma e Fininho têm uma abordagem mais seca em relação a fronteira. Eles não idealizam aquilo que ela pode oferecer. Fininho e Telma trabalham em troca de ouro, Grande também ganha o sustento na região. Mas não existe a ilusão do mundo encantado após a margem. Mesmo após o depoimento de Grande em que ele fala que conseguiu patrimônio que não conseguiria no Brasil, ele deixa claro que apesar das vantagens, a fronteira é um região hostil. Telma também consegue ver as desvantagens quando fala de como é triste a história do homem que veio atrás do ouro e deixou três mulheres em três cidades diferentes. Já Fininho, conta as dificuldades para se chegar no garimpo e as necessidades que já passou. A Guiana oferece sim, oportunidades, mas nma visão desses três personagens, não é o local da perfeição.

Fronteira das negociações

Cultura é um processo de negociação. Não está fechada em si, ao contrário, intercala-se a todo momento. A fronteira entre a Guiana Francesa e o Brasil é uma zona de

negociação: de códigos, de sistemas de significados, de leis que são umas de um lado e outras de outro e de pessoas diferentes que passam a conviver.

O tempo também passa a ser analisado por uma perspectiva diferenciada pois ele é também uma construção cultural. Numa região de fronteira, onde a cultura fervilha e é dispersa, o tempo não poderia ser diferente. Cada pessoa e cada atividade requer seu próprio tempo, construído especificamente. Bambozzi dialoga com a idéia de tempo através das imagens de apoio nas quais filma em câmera acelerada e depois em retardada. Com isso, ele questiona não só a cultura com sua antiga concepção fixa, mas também os valores culturais que eram tidos como imóveis na modernidade.

“...Estar no “além”, portanto, é habitar um espaço intermédio, como qualquer dicionário lhe dirá. Mas residir no “além” é ainda, como demonstrei, ser parte de um tempo revisionário, um retorno ao presente para redescrever nossa contemporaneidade cultural; reinscrever nossa comunidade humana, histórica; tocar o futuro em seu lado de cá. Nesse sentido, então, o espaço intermédio “além”, torna-se um espaço de intervenção no aqui e no agora...”⁵

O tempo pode então ser questionado em seu próprio valor e serve também de gancho para repensarmos nossos valores através das experiências da zona de fronteira. O passado, a história, a cultura, passam a ser revistas pela ótica do presente, que relê o passado com o olhar contemporâneo. Qual a influência de tradições históricas e valores tradicionais em um local que frequentemente se reinventa? O tempo passado e presente assim como o tempo e sua relação com os personagens é negociado o tempo inteiro. E é nesses interstícios que a nova idéia de cultura surge. Não só pela mediação tempo e personagem, mas na relação geral que o personagem estabelece com a própria fronteira em que vive (seja temporariamente ou não) e na maneira de trocar novos códigos e sistemas de conduta.

“...Tomo aqui a metáfora de um rizoma para tratar as metamorfoses que ocorrem nos indivíduos que se deslocam de um lugar para outros nos interstícios da sociedade, inventando o cotidiano com mil maneiras de caça não-autorizada. Num certo sentido, essa idéia aproxima-se da perspectiva de Certeau (1994), quando ele aponta uma criatividade oculta num intrincado de astúcias silenciosas, sutis e eficazes, pelas quais o homem ordinário cria para si mesmo uma maneira de viver da melhor forma possível a ordem social imposta e a violência das coisas. Na condição de migrante, a raiz principal de sustentação do indivíduo se fragmenta: vem enxertar-se nela uma multiplicidade imediata e qualquer de raízes secundárias que deflagram um novo processo (DELEUZE e GUATTARI, 1997). Esses novos percursos falam de algo que se inicia na pessoa em si mesma, ampliado nos desdobramentos do indivíduo frente à realidade, produzindo impacto na subjetividade e nas respostas à vida privada e pública...”⁶

Metodologia

⁵ BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. 3 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005, pg 27.

⁶ BURITY, Joanildo A. *Cultura e identidade – Perspectivas Interdisciplinares*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002. Pg 146.

A metodologia usada foi a leitura e o estudo dos autores citados na bibliografia para, a partir deles, fazer a análise do filme e de sua linguagem cinematográfica. A seleção dos autores foi feita em função de seus estudos sobre a representação da cultura em um mundo moldado pelos meios de comunicação e o significado de identidade hoje.

A decupagem do filme foi essencial para entender os métodos de filmagem, as sequências escolhidas e o próprio discurso cinematográfico em geral. A junção da teoria com a linguagem cinematográfica de Lucas Bambozzi mostra caminhos que discutem os conceitos de cultura e identidade em uma perspectiva contemporânea.

Conclusões

Tanto a bibliografia estudada quanto o filme e seus personagens corroboram para a teoria de Stuart Hall e os outros autores estudados, segundo a qual a cultura e a formação da identidade são híbridas na contemporaneidade. A construção tanto de identidade como de cultura é feita a todo momento a partir dos discursos e das atribuições de significado feitas pelos personagens. Ao invés de uma identidade fixa e imutável, podemos falar de uma subjetividade construída e dotada de significados maleáveis em função dos imaginários e das expectativas de cada um dos personagens. O interesse está no fato das pessoas inventarem outras formas de fronteira - simbólicas, imaginadas, desejadas - dentro de suas vidas a partir da fronteira física e geográfica do rio .

Referências

- 1 - CANCLINI, Néstor Garcia . *Consumidores e cidadãos*. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006. 227p.
- 2 - BURITY, Joanildo A. *Cultura e identidade – Perspectivas Interdisciplinares*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002. 186p.
- 3 - HALL, Stuart. *A identidade cultural na contemporaneidade*. 10ª.ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005. 102p.
- 4 - BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. 3 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. 395p.
- 5 - CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas. Estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 1998.